

SOS Saúde, para reabilitar a medicina privada.

JORNAL DA TARDE

O jogo de interesses políticos, eleitoreiros e ideológicos que domina as áreas públicas no Brasil e já destruiu os serviços oficiais de saúde, como denunciamos repetidas vezes em reportagens e editoriais, está contaminando também o setor médico-hospitalar privado, até hoje responsável pela maior parte do atendimento à população. Para tentar reverter este quadro assustador foi criado em São Paulo o movimento SOS Saúde. É tão dramática a situação que, pela primeira vez, foi possível reunir, numa cruzada comum, praticamente todas as correntes médicas e sindicais ligadas ao setor neste Estado, desde associações de estabelecimentos hospitalares até sindicatos de trabalhadores, ou seja, muitas entidades que até aqui estiveram em campos opostos.

O que o SOS Saúde pretende é denunciar à opinião pública a incompetência e a politicagem reinantes no setor de saúde do Estado e agir no sentido de corrigir os efeitos dessa situação na rede hospitalar privada, devolvendo-lhe a eficiência e o prestígio que já teve tempos atrás.

Ao longo dos anos, a interferência do Estado, que deveria ser apenas fiscalizadora e normativa na área de saúde, nunca parou de crescer em termos de poder de decisão e de execução, sem que a participação oficial nos custos dos serviços aumentasse na mesma proporção. O Estado preferiu assenhorear-se de recursos da Previdência, que a ele não pertencem e a ele só competia administrar em conjunto com empregados e empregadores. Manipulando esse poder — que na prática se traduz em votos e cargos — os burocratas e os políticos criaram uma teia de favorecimentos, influências e malversação de recursos que levaram ao quadro de hoje, com a Previdência em processo de falência e os serviços deteriorados.

Por outro lado, os prestadores de serviço no setor privado — hospitais, classe médica — subdivididos e apartados de propósito pelo Estado, de acordo com o princípio de dividir para reinar, também contribuíram para a degringolada geral, por terem, ao longo dos anos, cedido às pressões estatais, aceitando tudo que lhes foi imposto.

Ao concordarem em trabalhar em troca de baixíssimas remunerações e em condições precárias, os hospitais da rede particular foram lentamente succumbindo à deterioração de suas instalações físicas, levadas hoje ao sucateamento, e à destruição de sua imagem perante à opinião pública. E a classe médica, isolada e dividida em facções, entrou com o seu quinhão ao submeter-se a condições aviltantes de trabalho e remuneração.

Esta situação, depois de anos de constantes desvios e erros, complicou-se ainda mais à medida que a esquerda se encastelou nos postos de governo, ampliando a presença do Estado e seu poder de interferência. Com o advento do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), a iniciativa privada, que já vinha perdendo substância, passou a ser garroteada financeiramente e está, agora, ameaçada de falir e desaparecer. Com graves consequências para a população, pois ela continua sendo responsável por cerca de 80% do atendimento à saúde.

Obcecada pela mística, hoje totalmente desmoralizada, de que a estatização é a grande solução para o problema, a esquerda prega o controle total desses serviços no Brasil. Sem se dar conta de que o Estado é atavicamente incompetente. Como dizia o senador Roberto Campos, "o comunismo brasileiro prega a estatização da medicina porque a medicina privada leva ao lucro. Ignora que, num mercado competitivo, o lucro é consequência do serviço prestado e têm mais chance de lucro os que melhor servirem. Na medicina pública despreza-se o lucro porque também se despreza o serviço. Cabe registrar, aliás, que a União Soviética tem péssimo recorde sanitário. A expectativa de vida descêu a níveis latino-americanos e a mortalidade infantil, de 25 por mil habitantes, é equivalente à do Panamá, enquanto no Chile é de 19 e nos Estados Unidos de 14. No Brasil é muito pior, mas aqui o governo faz palácios, ao invés de fazer esgotos..."

À falta de compromissos com a qualidade somaram-se, recentemente, os desmandos e a malversação dos recursos do Suds, conforme comprovações dê fraude e desvios graves feitas pelo Tribunal de Contas da União. Para poderem continuar com suas jogadas políticas e ideológicas, os administradores do Suds estão exigindo cada vez maiores sacrifícios dos hospitais e da classe médica, igualando todos os serviços por baixo. É por isso que um empresário do porte de Antônio Ermírio de Moraes, que voluntariamente administra uma instituição modelar como a Beneficência Portuguesa, defende a necessidade de a sociedade civil ignorar o Estado na área de saúde (aliás, como em quase tudo) e buscar uma nova fórmula de se cuidar com dignidade e seriedade da vida dos cidadãos.

Foi este sentimento de frustração e inconformismo com o caos instalado nos serviços de saúde brasileiros que levou um grupo da sociedade civil a criar o SOS Saúde. É animador ver entidades não governamentais procurando se unir, esquecendo divergências passadas, num movimento em defesa dos interesses de toda a comunidade, sem discursos, sem demagogia. Já era mais do que hora de a medicina privada deixar de aceitar decisões impostas pela burocracia oficial. Só assim ela voltará a apresentar os serviços que se exigem de tal categoria e poderá contar com o apoio dos cidadãos em sua luta contra a estatização.

E este é o único caminho, porque, de um Estado falido, controlado por uma burocracia insaciável, por políticos fisiológicos ou comprometidos com esquemas ideológicos totalitários, nada de bom podemos esperar.